A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 76 Agosto de 1973 ANO IX

ENTREGUISMO

Desde que o general Ernesto Geisel foi nomeado para suceder Médici na chefia do governo, multiplicaram-se as especulações sobre seu provável comportamento político e seu mutismo. Observa-se que ele vem obedecendo a um rígido esquema de só se manifestar nas oportunidades fixadas pelo calendário oficial da sucessão. Vários comentaristas esperam sua palavra a respeito dos graves problemas que preocupam atualmente a nação. Ou que, pelo menos, defina as linhas gerais de seu programa de ação na presidência do país. Ficam desolados ou frustrados porque o candidato se mantém numa severa discrição, guarda silêncio e prudência, nada revelando sobre suas intenções. Para muitos, Geisel é um "enigma". Por outro lado, difunde-se, de mil e uma formas e em diversos tons, engenhosa e matreira propaganda sobre supostas qualidades positivas de Ernesto Geisel, de suas idéias e atitudes, seu pseudo-nacionalismo ou sua pretensa natureza humanista, liberal. A máquina publicitária do governo trabalha de modo velado a fim de criar uma imagem favorável desse golpista e reacionário. São sopradas sutilmente nos ouvidos dos incautos e dos ingênuos frases soltas, gestos nobres, posições coerentes, decisões sábias do candidato do regime militar de modo que ele apareça aos olhos do povo como cidadão simples, patriota consequente, amigo da justiça, administrador culto e probo. Em suma, os esforços dos técnicos da propaganda fascista visam a apresentar esse arrogante general formado pelos Serviços Secretos do Exército e Escolas Militares ianques como um estadista capaz de conduzir o Brasil a grandes destinos.

Todas essas patranhas não conseguirão, no entanto, enganar a opinião pública, embotar sua vigilância, abrandar sua resistência ao processo vergonhoso da "rendição de guarda" encenado pela ditadura. Geisel não fala nem pode falar simplesmente porque, como disse Médici ao apresentá-lo, ele é pela continuidade do sistema imperante, está acumpliciado com a filosofia do golpe de 1964, com a política antinacional e antipopular posta em vigor pelos generais que se vêm sucedendo no Poder. É conhecido, porém, o pronunciamento que fez depois de escolhido para ser o novo ditador de plantão. Ao afastar-se da presidência da Petrobrás, há mais ou menos um mês, Geisel falou e deixou patente suas opiniões e sua posição a respeito de temas da maior importância e atualidade. Por exemplo, a propósito da aceitação de sua candidatura, esclareceu que saía da empresa estatal "por ter sido indicado, como é do conhecimento público, para servir em outro posto". E adiantou: "Este posto, devo declarar, não o desejei, mas não me foi possível recusá-lo. O encargo de presidir a nação é missão que não se postula(...). Tive que me render à imposição de um dever". Com estas palavras, Geisel mostrou claramente que é partidário da monopolização do Poder pelos generais. Não admitiu que se pretenda debater candidaturas à Presidência da República ou eleger brasileiros de outro ofício. Para ele, o cidadão no livre gozo de seus direitos,não devia postular o cargo, porque seu exercício dependeria da nomeação de um chefe. Esta é a cartilha fascista, de quartel, que todo patriota ou democrata repudia energicamente.

Em seu relatório de despedida da Petrobrás, Ernesto Geisel afirmou com insistência que não considera o monopólio estatal, instituído pela Lei 2.004, como "uma finalidade, mas sim como um instrumento de ação", que a missão da Petrobrás "não é a auto-suficiência na produção nacional de petróleo" e que o objetivo é "garantir ao mercado brasileiro o necessário abastecimento do petróleo e derivados". As teses de Geisel são abertamente entreguistas. Só podem ter curso num regime como o atual. Em outras circunstâncias, ele não teria podido enunciá-las e muito menos ser presidente da Petrobrás.

Continuação da 1ª Página

O monopólio estatal do petróleo é uma conquista do povo, alcançada em memorável campanha, não pode ficar ao sabor da interpretação de um general vende-pátria qualquer. O sentido monopolista é exatamente o contrário do que pretendem Geisel e seus parceiros. Visa a garantir a independência nacional, a impedir a participação dos trustes internacionais na exploração dessa riqueza vital para a emancipação da economia brasileira, ameaçada pela penetração desses trustes. Sem que o povo brasileiro tenha em suas mãos os recursos naturais e as fontes de energia da nação, sua dependência do estrangeiro aumentará. A Petrobrás não foi criada para comprar petróleo fora do país. Tinha em vista monopolizar a exploração do precioso combustível, sem fazer concessões. As concessões, todavia, estão sendo realizadas numa escala sempre maior. O capital estrangeiro penetra através das empresas que se ocupam com os derivados do petróleo. A Petroquisa, por exemplo, está associada a poderosos grupos do exterior que detêm boa parte de suas ações. Geisel afirma ser esse o melhor caminho. São suas as seguintes palavras: " Essas associações incluem capitais estrangeiros, vinculados, via de regra, com o aporte da necessária tecnologia além de proveitosa utilização da poupança externa em nosso desenvolvimento".

Por essa amostra, se constata que o general Geisel foi para a direção da Petrobrás e agora está apontado para a presidência da República a fim de abrir ainda mais as portas do país ao imperialismo, dar de mão beijada as imensas riquezas nacionais aos trustes norte-americanos. Estes buscam sequiosamente "áreas tranquilas" onde possam explorar sem perigo o óleo negro que necessitam. Um dos principais motivos da recente visita do secretário de Estado, William Rogers ao Brasil e a outras nações da América Latina foi o petróleo. É evidente, assim, que o mutismo de Geisel só existe com relação a problemas que não lhe convém tratar. Quando, entretanto, precisa falar, suas opiniões são claras - a favor do Poder só para os generais e em benefício dos trustes estrangeiros. Por isso é o homem de confiança dos grupos militares dominantes. Desempenha sua parte na revoltante farsa em que foi transformada a sucessão presidencial sob a ditadura de Garrastazu Médici.

OUÇA DIARIAMENTE EM PORTUGUÊS:

RÁDIO TIRANA: 31 e 42 metros

Das 20 às 21 horas e das 22 às 23 horas

RÁDIO PEQUIM: 25 e 31 metros

Das 19 às 20 horas e das 21 às 22 horas

Combativa Organização de Massas

O aparecimento da "União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo" no interior do Pará, Maranhão, Goiás e Mato Grosso é um acontecimento promissor. Surge como decorrência da Resistência armada iniciada em abril do ano passado e se apresenta como a organização de massas que se propõe levar adiante essa resistência, arregimentar as forças populares para exigir seus direitos, esclarecer o povo e combater sem descanso o arbítrio dos militares.

A luta armada no Sul do Pará abriu novos horizontes. Mostrou a necessidade da união e da organização para alcançar uma vida melhor. Permitiu o amplo debate e a formulação correta das reivindicações locais. São evidentes os reflexos dessa luta em toda uma vasta área. Dia a dia, as massas pugnam por seus interesses vitais e opõem-se com redobrada energia às arbitrariedades. Em S.Felix do Araguaia, Conceição do Araguaia, Santa Teresinha, Marabá, Altamira, São Domingos do Capim, Araguatins, Porto Lacerda e outros lugares erguem-se protestos vigorosos contra as perseguições policiais e a grilagem, contra a cruel exploração a que são submetidos os trabalhadores.

A "União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo" vem patentear o caráter eminentemente popular do movimento guerrilheiro do Araguaia, demonstrando que os combatentes da selva não estão isolados, contam com a imensa simpatia da população. Não é acidental o fato de que os militares, ao mesmo tempo que atacam a guerrilha, se desmandem na repressão feroz aos residentes da zona, da qual não escapam nem mesmo bispos e padres. Quanto mais violentos se tornam, mais o povo compreende a importância e a inevitabilidade da luta armada.

Movimento amplo, de frente-única, a "União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo" abarca os lavradores, os trabalhadores em geral e a população dos povoados, vilarejos e cidades da região. O título do documento que o lançou define por si mesmo os objetivos que persegue: "Em defesa do povo pobre e pelo progresso do interior". É um documento simples, accessível às pessoas mais atrasadas. Fala dos problemas, da vida difícil, do abandono em que se encontram os habitantes do lugar. Indica com clareza e conhecimento de causa as reivindicações mais sentidas desses habitantes e explica as origens dos seus sofrimentos, apontando o caminho da libertação.

É fato incontestável que o povo, para conquistar seus direitos, tem de se unir e organizar. A exploração desenfreada e os abusos constantes de que são vítimas os moradores do campo ocorrem, em boa parte, pela falta de organização das massas. Um simples "bate-pau" pode cometer brutais violências contra os lavradores quando estes não estão organizados nem despertados para a luta. A organização multiplica a força dos explorados e oprimidos. Unidos eles são capazes de enfrentar e vencer os piores inimigos. Atualmente, a união é ainda mais indispensável, uma vez que a polícia e tropas da ditadura investem bestialmente contra as populações interioranas, praticando toda a sorte de arbitrariedades. Mas o povo, com a resistência armada, aumentou suas forças e pode assestar sérios golpes nos agressores.

A U.L.D.P. estrutura-se na clandestinidade e tem por base o seu documento programático. Os 27 itens das reivindicações imediatas ajudam a esclarecer as massas sobre a solução para seus problemas mais prementes. "É isso mesmo que precisamos", dizem os camponeses. "Antes a gente não sabia bem como resolver as dificuldades, agora as coisas clarearam", repetem outros. Castanheiros afirmam que esse é o seu programa. Em torno destas reivindicações vão-se agrupando os diferentes setores da população e criando núcleos em toda parte. Apesar das perseguições, os moradores do interior acham meios de se entender uns com os outros e encontrar formas de criar a União.

O surgimento da resistência armada no Sul do Pará e a criação da "União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo" mostram claramente as enormes possibilidades que existem para desenvolver as lutas no campo. Os habitantes do

Continuação da página 3

interior não são apáticos ou desinteressados pelas questões relacionadas com o seu bem-estar. Têm um agudo senso de justiça e representam enorme potencial a ser mobilizado na luta revolucionária. Quando encontram uma direção firme - que saiba indicar o caminho justo, a saída correta para enfrentar os podero - sos, engajam-se rapidamente no combate e dão provas de desprendimento e espírito de sacrifício. São os melhores aliados da classe operária e dos setores democráticos que procuram libertar o país do jugo das forças reacionárias e dos setores democráticos que procuram libertar o país do jugo das forças reacionárias e dos monopólios estrangeiros. A revolução no Brasil só pode avançar na medida em que as grandes massas rurais se puserem em ação, golpeando - incessantemente os inimigos do povo.

Por isso, os patriotas e democratas têm o dever de apoiar por todos os meios a "União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo", organização que encarna um dos mais sérios movimentos revolucionários já realizados no campo. É indispensável dar a maior atenção ao trabalho no interior, onde se encontram populações pobres, carentes de qualquer recurso. Nenhuma tarefa é mais importante que esta, nos dias de hoje.

" A medida que aumenta a espoliação ianque e se aprofunda a crise crônica da estrutura nesta parte do Continente, mais se agravam as contradições básicas da sociedade, que só podem ser superadas pelas soluções radicais; maior é o descontentamento e a revolta das massas, cujas explosões são dificilmente contidas por uma violência sempre mais intensa; maior é o choque entre o senti - mento nacional e a opressão estrangeira, que somente pode ter fim com a libertação dos países latino-americanos das garras do capital financeiro dos Estados Unidos. O imperialismo ianque e seus sustentáculos internos, em cada país, tentam abafar os anseios de progresso e a luta das grandes massas através do terror e dos regimes ditatoriais. E os povos da América Latina voltam-se corajosamente para a luta revolucionária".

(Do artigo ALGUNS PROBLEMAS IDEOLÓGICOS DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA - Maio de 1968)

Mais Um Golpe Militar

Os militares uruguaios tiraram definitivamente a máscara. Durante muitos anos procuraram passar como força neutra, acima das classes, defensora da ordem e da Constituição. Agora, erigiram-se em partido político armado - que se apossou do Poder pela fraude. Após cometerem uma série de arbitrariedades e realizarem sórdidas manobras contra o sistema representativo existente no país, ultimaram o golpe que iniciaram em fevereiro deste ano. A nação vizinha, que desfrutou durante décadas de relativa liberdade, está submetida a um governo ditatorial, onde pontificam os generais reacionários.

O pretexto invocado foi o mesmo dos militares brasileiros, em 1969, quando decidiram promulgar o Ato Institucional nº 5. Os gorilas orientais exigiram que o Parlamento se autodesmoralizasse, outorgando licença para prender e processar um de seus membros que havia denunciado, com plena razão, as maquinações golpistas e o emprego da tortura em presos políticos. Sabiam de antemão que a licença não poderia ser concedida. Aproveitaram-se do fato para por tropas na rua, dissolver o Congresso e rasgar a Constituição. Agiram como senhores de baraço e cutelo, com total desprezo pelos direitos do povo, prestaram-se ao infame papel de janízaros a serviço das forças retrógradas do Uruguai e do exterior.

Em poucos dias, o regime imposto pelo Exército revelou seu caráter antinacional e antipopular: milhares de prisões foram efetuadas; a Confederação sindical dos trabalhadores foi colocada na ilegalidade e suprimido o direito de greve; fecharam-se jornais e a censura à imprensa tornou-se rotina; decretou-se o estado de sítio e ampliou-se a perseguição aos patriotas e democratas. Os novos governantes apressaram-se em declarar que o capital estrangeiro seria muito bem recebido no país.

Mas os trabalhadores e o povo não ficaram de braços cruzados. Responderam aos militares e também aos revisionistas que, ainda em fevereiro, alimentavam ilusões num golpe "peruanista", ajudando dessa forma as tramas antidemocráticas que se desenrolavam nos quartéis. Uma poderosa greve geral mobilizou a classe operária. Durante duas semanas, os proletários ocuparam fábricas e realizaram firme demonstração contra o regime castrense. Os estudantes saíram às ruas, apossaram-se igualmente das universidades e protestaram com energia. Inúmeros parlamentares desmascararam os generais e acusaram Bordaberry de servir de boneco de engonço dos gorilas. Mesmo os partidos conservadores manifestaram repulsa à violação do sistema constitucional. Tudo isso mostra que a sublevação militarista está em aberta oposição à grande - maioria da nação uruguaia. É um regime espúrio que, para se manter, tem que

Continuação da página 5

apelar para a violência indiscriminada e o terror. O povo uruguaio, de tão nobres tradições democráticas, saberá, no entanto, levar adiante a luta encetada para derrubar do Poder os que lá chegaram através da ação criminosa.

A ditadura militar fascista do Brasil teve parte saliente no golpe desencadeado no país irmão. Depois da vitória das forças populares na Argentina os generais brasileiros intensificaram a pressão sobre seus colegas do outro lado da fronteira sul. Fomentaram, financiaram e auxiliaram diretamente o estratagema dos generais uruguaios. Técnicos da polícia política de São Paulo estiveram no Uruguai durante as semanas da crise, orientando seus comparsas sobre métodos de repressão em massa. A imprensa de Montevidéo denunciou que o semanário Azul e Branco, de tendência fascista, era sustentado com dinheiro enviado do Brasil. Os recursos chegavam através de um sr. Gutierrez, médico do Hospital Militar. No curso do pronunciamento armado, Garrastazu forneceu grande quantidade de viaturas ao Exército uruguaio. Extensas filas de carros cruzaram a fronteira sem nenhum disfarce. Gasolina, querosene e outros bens de consumo foram enviados às pressas para atender o apelo angustiado de seus parceiros, em face da greve geral que paralisou a vida econômica do país. Médici concedeu a toque de caixa um empréstimo de 30 milhões de dólares aos atuais governantes da República Oriental.

A cínica interferência dos generais brasileiros na vida política do Uruguai é mais uma demonstração do papel que essa corja de fascistas desempenha no Continente. O Brasil é, hoje, um centro de reação na América Latina, servindo aos monopólios norte-americanos e às forças reacionárias internas. Em toda parte, os militares estimulam e ajudam por diferentes meios os setores antidemocráticos. Com propósitos expansionistas, tratam de submeter os países fracos e mais próximos. Agem mancomunados com os imperialistas dos Estados Unidos. São traidores da nação brasileira, inimigos dos povos latino-americanos.

Solidário com o povo irmão do Uruguai em seu combate pela liberdade e em defesa da independência nacional, o povo do Brasil condena energicamente a atuação da ditadura de Médici contra os sagrados interesses daquela nação amiga. Ligados por laços de amizade e boa vizinhança, uruguaios e brasileiros unirão mais ainda suas forças na luta sem tréguas aos gorilas e aos seus amos norte-americanos. Por mais dura que venha a ser a peleja, acabarão vencendo.

A China Defende a Paz

A China Popular detonou mais uma bomba de hidrogênio, realizando seu programa de aperfeiçoamento das armas nucleares. Esta detonação constitui imenso êxito do avanço tecnológico e industrial da China, uma grande conquista do socialismo e fator importante na defesa da paz mundial.

Ao realizar esta nova façanha, o governo chinês repetiu ainda uma vez que a grande nação socialista da Ásia jamais será a primeira a empregar tais armas e que seu objetivo primordial, desenvolvendo os engenhos atômicos, é alcançar a proibição do uso das bombas de destruição em massa e a liquidação de todos os arsenais nucleares.

Indiscutivelmente, não se poderá conseguir tal objetivo sem quebrar o monopólio atômico das duas superpotências. Estados Unidos e União Soviética detêm gigantescos estoques de armas nucleares e continuam a produzir, em escala sempre maior, grande e variada quantidade dessas armas, assim como a melhorar e multiplicar os meios de lançá-las. Seus propósitos são imperialistas. Servem-se dessa superioridade no campo militar para ameaçar os povos e impor sua dominação no mundo. Enquanto mantiverem essa vantagem, existirá o perigo de uma guerra atômica. Quando, porém, os Estados Unidos e a União Soviética constatarem que,podem sofrer um revide arrasador se recorrerem às bombas de hidrogênio, então ter-se-ão criado as condições para chegar a um acordo geral de proibição e destruição das armas nucleares. Por isso, o esforço da China para romper o monopólio soviético-norteamericano é uma valiosa contribuição à defesa da paz e vem ao encontro dos sentimentos e aspirações das grandes massas populares de todos os Continentes.

As armas nucleares precisam ser abolidas. Seu tremendo poder de aniquilamento de milhões de vidas humanas representa gravíssima ameaça a toda a Humanidade. Os povos exigem a interdição e a liquidação desses mortíferos engenhos de guerra. A luta, porém, tem que se dirigir, fundamentalmente, contra os Estados Unidos e a União Soviética que são as principais potências nucleares e, além do mais, agressores e imperialistas. Ambos se conluiaram numa aliança reacionária dirigida contra a paz, a liberdade e a independência das nações. Pregam, farisaicamente, o desarmamento. Após realizar centenas de experiências atômicas na atmosfera sem se preocupar com a repercussão na saúde dos povos, erguem-se agora contra as provas efetuadas por países que procuram dominar a técnica nuclear, sob o pretexto de impedir a proliferação de tão poderosos meios de destruição. Prosseguem, porém, fazendo ensaios subterrâneos e através de satélites, visando a centuplicar seu potencial bélico. Defendem a lógica dos bandidos: eles devem ter armas, suas vítimas, não.

A China Popular é um país socialista e amante da paz. Jamais agrediu quem quer que fosse ou ocupou territórios alheios. Não há tropas chinesas fora das fronteiras da Pátria. O governo chinês sempre pugnou pelos direitos soberanos dos povos, grandes ou pequenos. Seu empenho em reforçar a defesa nacional visa a contrapor-se à agressão e a defender as magníficas conquistas de centenas de milhões de trabalhadores.

É evidente que a camarilha dirigente da URSS coloca, hoje, a China como o principal inimigo a combater. Seus planos agressivos, políticos e militares, orientam-se particularmente contra a grande nação asiática. Leonid Brezhnev e seus acólitos, traidores da revolução, não descansam na torpe tarefa de preparar o cerco e o ataque ao país de Mao Tse-tung. Mas seus loucos projetos estão fadados à mais completa derrota. A China aumenta seu poderio militar e conta com aliados e amigos em toda a parte, incluindo a União Soviética.

A experiência nuclear chinesa, há pouco realizada com sucesso, merece o apoio e o aplauso de todos os homens e mulheres progressistas.

Marco Histórico

Em fins de agosto de 1943 - faz 30 anos - os comunistas erigiram um marco imperecível e dos mais destacados de sua história: realizaram a II Conferência Nacional do Partido, conhecida desde então como a Conferência da Mantiqueira.

Naquele período estavam em jogo os destinos do povo e do país. Pesava sobre o Brasil a ameaça hitlerista, a nação corria o risco de ser submetida ao jugo da Alemanha. De igual modo, o Partido Comunista via-se na iminência de desaparecer. Sua existência, seu papel na sociedade brasileira eram postos em xeque violentamente. Num ataque conjugado, as forças da reação e os oportunistas, de direita e de"esquerda", quiseram eliminá-lo da vida política nacional, impedir que desempenhasse sua nobre missão de vanguarda consciente do proletariado. Tornou-se imperativo travar uma luta decidida tanto para defender a causa da independência da pátria como para salvaguardar a sobrevivência do Partido. A fim de resistir com êxito ao fascismo e tornar vitoriosa a luta em defesa do povo e da organização partidária, os comunistas deviam apoiar-se nos interesses reais das massas e nelas confiar, não temer os inimigos e orientar-se pela onipotente doutrina do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Porque assim o fizeram, sairam honrosamente dessa dura prova.

Após a derrota da gloriosa insurreição nacional-libertadora de novembro de 1935, a situação do país piorou rapidamente. A reação recorria a medidas extremas,sobretudo contra os comunistas e os antifascistas consequentes. A direção nacional do Partido, a cuja frente se encontrava Adalberto Fernandes (Miranda), caiu nas garras da polícia e Miranda tornou-se traidor. A seguir, Prestes e Berger foram presos. Os bandos fascistas e policiais espalhavam o terror por toda a parte. Em meados de 1937, em virtude da abertura da campanha da sucessão presidencial, as massas populares voltaram a manifestar seus profundos sentimentos democráticos, demonstrando que o banditismo policial não as intimidará nem arrefecerá seu ânimo. Apavoradas, as forças reacionárias promoveram o "putch" de 10 de novembro e instalaram o Estado Novo, com o patrocínio das Forças Armadas e da Ação Integralista. As correntes liberais, que vinham pleiteando a sucessão de Getúlio Vargas através de eleições, capitularam sem luta. Os governantes se lançaram em intensa propaganda demagógica, de cunho social e nacionalista. Apenas os comunistas e alguns setores democráticos fizeram face à repressão e desmascararam o sentido fascistizante do golpe de 10 de novembro, mostrando que o fascismo podia ser derrubado,não tinha condições de se consolidar.

Entretanto, as disputas interimperialistas se aguçavam. A guerra de agressão promovida pelos hitleristas e fascistas estendia-se. Como consequência, todas as contradições do mundo capitalista estavam sendo vigorosamente aceleradas. O avanço das potências agressoras e seus planos de dominação não podiam continuar a ser escamoteados pelo jogo duplo da não-intervenção e do estímulo à agressão, que faziam as denominadas nações democráticas. Estas desejavam o sacrifício da União Soviética, então a pátria do socialismo. Suas manobras fracassaram, porque a URSS, sob a direção de Stálin, revelou o verdadeiro caráter da política seguida pela França, Inglaterra e Estados Unidos. Em 1939, a Alemanha de Hitler começou sua expansão armada na Europa e avassalou o velho Continente. Suas vitórias eram retumbantes. No Brasil, os generais e grupos fascistas dominantes intensificaram os esforços para atrelar o país ao carro de guerra alemão. Novos golpes atingiram os comunistas. A polícia deteve a direção central, encabeçada por Reginaldo (Bangu), assim como destroçou as organizações regionais e muitas bases. Alguns de seus elementos mais destacados não tiveram um comportamento digno diante da reação. Filinto Muler, chefe de polícia do Estado Novo, vangloriou-se de que o movimento comunista havia sido exterminado. Em junho de 1941, inebriado por seus sucessos, Hitler atacou perfidamente a União Soviética. No final desse ano, o Japão militarista, que desde 1931 buscava subjugar pela força a China, assaltava também de forma traiçoeira os Estados Unidos. A guerra, que se iniciara de maneira interimperialista, na medida em que a Alemanha, a Itália e o Japão iam revelando seus objetivos bandidescos e pisoteando a independência e a liberdade das nações, adquiria cada vez mais o caráter de guerra antifas

Continuação da página 8

cista, libertadora, levando à formação de uma ampla coalizão de nações que formularam um programa democrático e exigiram a rendição incondicional das potências fascistas.

Em face de tão grave situação e de problemas tão complexos, as organizações comunistas brasileiras subsistentes, bastante enfraquecidas, viram suas responsabilidades aumentadas, tiveram que tomar decisões à altura e sem dilação. A tática política e a existência do Partido se apresentavam como questões cruciais urgentes, intimamente ligadas. É claro que os verdadeiros revolucionários jamais duvidaram de que podiam resolvê-las dignamente. Estavam convencidos de que o poder do fascismo e suas vitórias eram precários. Os povos de todo o mundo, incluindo o povo brasileiro, demonstraram disposição de combatê-lo até o fim. A União Soviética batia-se heroicamente em defesa do solo pátrio e enchia de esperança os corações de todos os que amavam a liberdade e aspiravam a derrotar a nova barbárie que punha em perigo o futuro da Humanidade.

De 1940 para 1941, alguns quadros de nível regional como Maurício Grabois, Diógenes Arruda, Pedro Pomar, João Amazonas e outros, que viriam a formar o verdadeiro núcleo dirigente revolucionário do Partido Comunista do Brasil, entregaram-se à tarefa de reconstruir a organização partidária. Criou-se a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP) e, em 1943, resolveu-se convocar e preparar a II Conferência Nacional do Partido, para aprovar a tática política e eleger o Comitê Central.

Através de uma orientação justa, o Partido visava a concentrar os esforços de todo o povo brasileiro e do governo de Vargas, que havia declarado guerra ao nazi-fascismo, para obter a vitória. A situação impunha a união nacional contra o pior inimigo dos povos, a subordinação das demais tarefas à realização daquele objetivo. A união devia ser em torno do governo, não obstante este ter perseguido ferozmente os comunistas. Tratava-se de encarar a realidade, assim como a disposição das forças políticas, de colocar os sentimentos e interesses particulares em função dos mais gerais, superiores. Esta atitude não implicava porém na abdicação da organização política independente da classe operária. "Todo o apoio ao governo" ou o "apoio incondicional para a guerra antifascista", não significava enrolar as bandeiras, nem abandonar a organização de combate e os objetivos dos comunistas. A existência do Partido era a razão de ser da importância e da necessidade do apoio dos comunistas à causa antifascista. Só podia fortalecer, como fortaleceu, a luta contra o inimigo comum. Além disso, preservava a independência de classe do proletariado, o que sempre constituiu uma questão de princípio para os revolucionários proletários.

O problema da reconstrução do Partido encontrava sérios obstáculos. Isto porque elementos comunistas prestigiosos de dentro e de fora das prisões, tais como Silo Meireles, Fernando Lacerda, Carlos Marighela, Agildo Barata, Câmara Ferreira e outros tinham caído em posições de direita e liquidacionistas. Prestes, em rigoroso confinamento, não opinava. E quando o Brasil, em 22 de agosto de 1942, entrou na guerra contra a Alemanha e a Itália, em decorrência da pressão das forças democráticas internas, bem como dos governantes norte-americanos, os liquidacionistas insistiram ainda mais fortemente para que o Partido não fosse reconstruído. Argumentavam que a atividade organizada do Partido seria um obstáculo à política de união nacional contra o nazi-fascismo, política de união nacional contra o nazi-fascismo, política que vinha sendo elaborada e aplicada pelos comunistas. Os liquidacionistas de direita agiam de forma sutil Aconselhavam a aguardar momento mais oportuno para reestruturar o Partido, devendo-se apenas trabalhar no seio da frente-única nacional. Pretendiam diluí-lo nessa frente. Por sua vez, outros elementos comunistas que formavam o Comitê de Ação situavam-se em posições de "esquerda" para pregar a extinção da organização partidária. Condenavam a união nacional, advogavam a derrubada de Vargas como a tarefa mais importante e imediata. Consideravam que os comunistas deviam dissolver-se numa frente das "esquerdas" que, após a guerra, se unificariam num Congresso.

Para renegar o Partido, os liquidacionistas se camuflavam. Sem tradição de luta ideológica, os comunistas se defrontavam com dificuldades para desmascará-los. Compreendiam que o Partido era uma necessidade vital para a classe operária, mas nunca se haviam deparado com a ameaça liquidacionista em suas próprias fileiras. Para superar os oponentes apoiaram-se nos ensinamentos de Lênin. Ele mostrava que o liquidacionismo é um oportunismo de tal natureza que chega à renegação do Partido, ao abandono de seu programa, da sua tática revolucio-

Continuação da página 9

nária, das suas tradições. Resulta da infiltração das idéias liberais burguesas no meio do proletariado, fazendo com que este não possa exercer seu papel hegemônico na revolução.

A vida afirmava a cada dia a justeza da orientação adotada pelos defensores da causa do Partido. A rearticulação dos elementos dispersos, das organizações que estavam isoladas ia-se procedendo com rapidez. Os comunistas empregavam um método de trabalho hábil, adequado ao momento. Combinavam a atividade clandestina de reconstrução partidária com a ação intensa, audaz, ampla, aberta, nas associações legais, tais como os sindicatos e a Liga de Defesa Nacional. Para não atrair inutilmente os golpes da reação, abstinham-se de difundir materiais ilegais de agitação, limitando-se à distribuição segura, controlada, de material de propaganda, a fim de armar para a atividade política todos os camaradas.

A conferência da Mantiqueira foi a coroação desse processo de lutas. Reuniu pouco mais de vinte delegados, representando cerca de mil militantes do Rio de Janeiro, Estado do Rio, Juiz de Fora, Belo Horizonte, São Paulo, Bahia, Pará, Paraíba, Paraná e Rio Grande do Sul. Discutiu a situação e ratificou a justa avaliação política que vinha sendo feita. Mostrou a perspectiva de êxito da coalizão mundial das forças antifascistas, afirmando que seu triunfo permitiria o avanço da democracia em todo o mundo, criaria condições para a derrubada do Estado Novo e seria premissa para a solução dos graves problemas que afligiam o povo brasileiro. Com a histórica vitória dos exércitos soviéticos em Stalingrado, novos horizontes descortinavam-se para a Humanidade. A Conferência debateu o trabalho de reestruturação e elegeu o Comitê Central. Apesar de ter eleito Prestes, Marighela e outros elementos que se encontravam na prisão ou não estavam presentes à reunião, a Conferência destacou e conferiu a maior soma de responsabilidades aos camaradas que vinham conduzindo de maneira firme e correta a atividade partidária. Eles representavam as verdadeiras forças novas do Partido, possuíam espírito proletário, de classe, e grande combatividade. O conjunto do Partido recebeu as resoluções aprovadas com alegria e animado para as novas batalhas.

A Conferência da Mantiqueira teve, assim, o valor de um Congresso. Consagrou o renascimento do Partido. Foi uma derrota esmagadora para os liquidacionistas, cada vez mais exasperados, e para a reação. Desempenhou um papel histórico.

Os esplêndidos triunfos alcançados após a Conferência pelo esforço abnegado dos comunistas atestam a importância do lugar que ela ocupa no movimento operário e democrático do país. No terreno organizativo as fileiras do Partido se reforçaram. Graças à intensa mobilização de massas por ele realizada, o governo de Vargas viu-se obrigado a enviar a Força Expedicionária Brasileira para lutar na Europa e a empenhar-se mais decididamente na guerra contra a Alemanha e a Itália fascistas.

No entanto, a Conferência da Mantiqueira, como hoje se reconhece, sofreu sérias limitações e deficiências, algumas resultantes das condições históricas e políticas, outras das debilidades intrínsecas do movimento operário e comunista Não abordou as questões programáticas e o caminho da revolução. A autocrítica dessas debilidades já foi feita. Os marxistas-leninistas extraíram do fato os ensinamentos pertinentes.

Ao completar 50 anos de sua trajetória, o Partido Comunista do Brasil fez um balanço sumário, e tirou as conclusões essenciais de suas árduas lutas pela causa do proletariado e do socialismo. A Conferência da Mantiqueira aí se projeta como um dos signos mais brilhantes e gloriosos. Ao relembrá-la, os comunistas têm presente que o Partido é indestrutível. Em melhores condições do que há 30 anos, saberão fazer frente a todas as dificuldades e defender o Partido.

A ditadura militar fascista que atualmente asfixia a nação e tenta destruir o Partido, será derrubada fatalmente porque representa as forças do imperialismo e da reação, ao passo que o PC do Brasil triunfará porque simboliza as forças do progresso e do socialismo.